

A FORMAÇÃO DO TRADUTOR-INTERPRETE DO NÚCLEO DE APOIO À INCLUSÃO(NAI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE(UFAC) EM PERSPECTIVA E QUESTÕES IDENTITARIAS

THE TRAINING OF THE TRANSLATOR-INTERPRETER OF THE INCLUSION SUPPORT CENTER (NAI) OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF ACRE (UFAC) IN PERSPECTIVE AND IDENTITY ISSUES

Shelton Lima de Souza¹
Sônia Maria da Costa França²

RESUMO

Neste artigo, analisamos a formação identitário-profissional dos tradutores-intérpretes de Libras/Português(TISLP) do Núcleo de Apoio à Inclusão da Universidade Federal do Acre (NAI/UFAC), local esse em que se encontram Tradutores-Intérpretes de Línguas de Sinais e Português/Tilspas que atendem às demandas do ensino, da pesquisa e da extensão vinculadas a essa instituição. Nessa olhar, por meio de uma visão linguístico-identitária (HALL, 2006, BAUMAN, 2005), discuto os meandros sócio-linguístico-identitários de organização da profissão na cidade de Rio Branco/AC, mais particularmente no NAI/UFAC, verificando como um grupo de profissionais Tilspas, vinculados a esse espaço de discussão de inclusão na universidade, se veem enquanto tradutores-intérpretes de uma língua que tem a modalidade visuoespacial em contexto universitário, tendo em vista que os interagentes da pesquisa-base deste texto não têm formação em Bacharelado/tradução-Interpretação de Línguas de Sinais/Português. No tocante a questões metodológicas, a pesquisa-base deste estudo se centrou em uma abordagem qualitativa com a análise de falas produzidas por meio de diálogos advindos de procedimentos de entrevistas. Os resultados da análise mostram que os Tilspas do NAI/UFAC apresentam em sua constituição profissional várias identidades, construídas em diferentes sociabilidades que são atravessadas por grupos sociais diversos, devido aos Tilspas em questão terem relações com profissionais de diferentes áreas do conhecimento nas quais as práticas tradutória-interpretativas estão imersas. Além disso, os Tilspas mencionados demonstram desenvolver uma forte conexão profissional e pessoal com os usuários de línguas de sinais com os quais têm contato que, de alguma forma, os auxiliam em suas atividades nos contextos de produção do trabalho.

¹Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, mestrado em Linguística/Gramática pela Universidade de Brasília/UnB. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI. E-mail: shelton.souza@ufac.br. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0189097197608498>. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>

²Mestra em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI, Tradutora e intérprete de Libras/Português da Universidade Federal do Acre/UFAC. E-mail: sonia.franca@ufac.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4635163414916577>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4902-5121>

Palavras-chave: Tradutor-intérprete/NAI/UFAC, identidades, formação profissional.

ABSTRACT

In this research, I seek to analyze the identity-professional formation of the translators-interpreters of Libras/Portuguese (TISLP) of the Center for Support to Inclusion of the Federal University of Acre (NAI/UFAC), where the Translators-Interpreters of Sign Language and Portuguese/Tilsp meet the demands of teaching, research and extension linked to this Ifes. In this view, through a linguistic-identitarian vision (HALL, 2006), I discuss the social-linguistic-identitarian organization of the profession in the city of Rio Branco/AC, more particularly in the NAI/UFAC, verifying how a group of Tilsp professionals, linked to this space for discussion of inclusion in the university. In this way, we can verify how a group of Tilsp professionals, linked to this space for discussion of inclusion at the university, see themselves as translators-interpreters of a language that has a visuospatial modality in a university context, bearing in mind that the participants in the research that gave rise to this study do not have a Bachelor's degree in Translation-Interpretation of Sign Language/Portuguese. As far as methodological issues are concerned, the basic research of this study focused on a qualitative approach with the analysis of speeches produced through dialogic spaces arising from interview procedures. The results of this study show that the Tilsp of the NAI/UFAC present in their professional constitution several identities, built in different sociabilities that are crossed by different social groups, due to the Tilsp in question have relationships with professionals from different areas of knowledge in which the translation-interpretation practices are immersed, in addition, the mentioned Tilsp demonstrate to develop a strong professional and personal connection with the sign language users with whom they have contact that somehow help them in their activities in the contexts of work production.

Keywords: Interpreter/NAI/Ufac, Identities, Professional training.

Introdução

As mudanças que estão ocorrendo em relação à expansão da Libras na sociedade brasileira e nos mais diversos campos e áreas do saber, principalmente em espaços de construção do conhecimento acadêmico, modifica o papel do tradutor e do intérprete de línguas de sinais e português, doravante Tilsp, já que a visibilidade construída pelos usuários de Libras promove a junção dos conhecimentos empíricos com os conhecimentos formativos e com os conhecimentos linguísticos, levando a diferentes formas de legitimação da profissão de tradutor-intérprete, sobretudo na prática pedagógica quando o ambiente de trabalho for o meio educacional, tendo em vista que, no estado do Acre, o local, ou melhor, os ambientes educacionais, são os espaços em que os Tilsp mais atuam. De modo que, à medida que o sujeito surdo ganha espaço na sociedade, o Tilsp exerce sua função atendendo às necessidades linguísticas dos usuários de Libras e de português.

Pesquisar sobre a temática que envolve a tradução-interpretação de línguas de sinais é desafiador, torna possível entrar em caminhos nos quais encontramos outros pesquisadores, dialogando sobre as instigações, sobre as dificuldades e sobre o constante aprendizado de uma língua que intermedeia produções linguísticas de sujeitos que são socialmente invisibilizados, como as pessoas surdas. Além disso, a pesquisa-base deste trabalho partiu da questão-problema: Como de fato esses profissionais, por serem sujeitos em constante formação, veem os seus papéis profissionais nos espaços sociais em que atuam? A partir desse questionamento, o estudo aqui proposto analisou a compreensão da atuação dos profissionais Tilsps, suas formações e como os processos de construção identitária desses sujeitos se efetivaram por meio da vivência entre duas línguas: a Libras e o português.

A realização do estudo se deu com Tilsps da Universidade Federal do Acre/Ufac que trabalham com a tradução e a interpretação de Libras/Português, enquanto área voltada para acessibilidade linguística de pessoas surdas, em contextos de usos de línguas em espaços diversos da Ufac, mais particularmente a partir do Núcleo de Apoio à Inclusão/NAI que é setor dessa universidade responsável por organizar o trabalho dos Tilsps em diferentes ambientes que necessitam fornecer acessibilidade linguística às pessoas surdas. A escolha por essa temática e, por assim dizer, a justificativa para sua realização advém da necessidade de se registrar a trajetória pela qual os Tilsps alocados no NAI/Ufac percorreram para se constituírem como um grupo de profissionais que traduzem e interpretam em diferentes contextos e em diferentes cursos de graduação na Ufac.

Fundamentação Teórica

As identidades diversificadamente construídas entre os profissionais Tilsps são resultantes de experiências em meio às práticas tradutórias-interpretativas. Desse modo, os Tilsps constroem peculiaridades subjetivas no meio de diferentes práticas que envolvem as dinâmicas que a universidade apresenta em relação ao método científico e à complexidade da prática de uso de línguas, além de suas próprias histórias pessoais enquanto sujeitos inter-multiculturais que usam línguas para produzir sentidos em espaços de trabalho subsidiados por produções sociodiscursivas acadêmicas. Como os Tilsps estão inseridos em contextos (socio)linguísticos complexos, com prevalência do português como a língua com maior prestígio social, linguisticamente observamos atravessamentos entre essa língua e a Libras em que ambas se influenciam mutuamente.

Além dos atravessamentos linguísticos, podemos afirmar que entre os Tilsp ocorrem atravessamentos identitários que promovem formas de pertencimento desses profissionais a formas ideologicamente construídas de inserção em espaços profissionais e, conseqüentemente sociais, que marcam as diferentes formas de ser tradutor-intérprete de línguas de sinais. Bauman (2005, p. 17) explica que as diferentes formas de pertencimento, atributos de identidades construídas em espaços sociais de atuação de diferentes sujeitos são construtos sociais não fixos e mutáveis, surgindo em grupos sociais e vão se modificando e se imbricando com outras formas de pertencimento. Esses grupos se formam em torno de ideias e princípios recorrentes do uso da língua em estudo, que envolve vários fatores sociais, principalmente no trânsito entre duas línguas, sendo o Tilsp um profissional que perpassa o seu papel enquanto tradutor e intérprete de Libras/Português, como aponta Bauman na expressão “universo linguístico diferente”, cada língua tem um universo linguístico que seus falantes permeiam. Nesse ínterim, o Tilsp está imbricado em universos diferentes com uma frequência constante, pois as pessoas surdas estão no mesmo ambiente que pessoas não surdas e a atuação desses profissionais ocorre de forma habitual.

Nessa perspectiva, o que é notável com a trajetória do profissional Tilsp é estar imerso em grupos que se expressam, ora em culturas que se imbricam à voz, baseados em conjuntos de regras preestabelecidas em comportamentos de fala verbalizados e correspondidos por sons, ora em grupos que compartilham visões e experiências de mundo pautados em gestualidades.

Na aprendizagem de línguas, sejam essas orais ou visuais, é observado que ocorrem misturas linguístico-gramático-socio-culturais que podem ser vistas como elementos propulsores de produção identitária (RAJAGOPALAN, 2003). A possibilidade de falarmos de identidade única do Tilsp está cada vez menos viável, pois eles são influenciadores e são influenciados por práticas sociais que os constroem, no sentido de se pensar o trânsito em grupos de ouvintes e de surdos em que se permite vivenciar a maneira como é estar no mundo, ouvi-lo e vê-lo, fazendo esforços sociais para estar incluído nos relacionamentos sociais, como discute Hall (2006): “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Entendendo os Tilsp não somente como profissionais, mas como sujeitos, ser Tilsp em contextos sociais é uma forma de se refletir sobre a percepção que grupos desses

profissionais construíram sobre si, tendo em vista que no processo tradutório-interpretativo internalizam-se e passam-se sentidos aos interagentes participantes do trabalho, no sentido de que os Tilsp são colocados entre o locutor e o receptor.

De acordo com essa questão, explica Lacerda:

Assim, o trabalho de interpretação não se restringe a um trabalho linguístico. Os campos culturais e sociais precisam ser considerados quando se pretende compreender um enunciado. Para além do conhecimento da gramática da língua, importa conhecer seu funcionamento, os diferentes usos da linguagem nas ações humanas. (LACERDA, 2013, p. 147).

Em consonância com o excerto de Lacerda acima, Souza (2017, p. 27) afirma que a questão do deslocamento das concepções sobre o significado dos Tilsp, antes classificados como tradutor e intérprete de língua de sinais- TILS, está ganhando corpo como tradutor e intérprete de Língua Portuguesa para Libras e vice e versa. Souza explica que essa mudança se dá pelo fato de os surdos deixarem de ser simples receptores de mensagens, muitas vezes em português em sua variedade escrita, e passarem a interagir e se emanciparem enquanto cidadãos que exercem seus direitos e deveres.

As abordagens na tradução e na interpretação, segundo Gesser (2011, p. 23), se constituem na perspectiva de que: “o intérprete passa pelos dois campos de atuação, as suas escolhas são feitas no momento e no contexto imediato das produções linguísticas”, isso mostra que existe a interferência implícita no modo como são construídas as mensagens, partindo da premissa de que o conhecimento sobre as culturas surdas (STROBEL, 2006) são indispensáveis para os Tilsp, no sentido de que é preciso ter segurança no desenvolvimento de tradução-interpretação que não se configura como uma tradução literal, mas sim como uma tradução intercultural, como se pode ver na citação de Rodrigues (2018):

Os intérpretes e os tradutores de línguas de sinais têm sido responsáveis por um duplo movimento que, se por um lado, possibilita que informações e conhecimentos cheguem às comunidades surdas, por outro, transporta saberes produzidos por essas comunidades da margem ao centro do debate atual. (RODRIGUES, 2018, p. 305).

Nessa perspectiva, a tradução intercultural necessita, por parte do Tilsp, de um aprofundamento dos conhecimentos culturais que envolve as línguas em foco, usando características linguísticas em espaços interculturais das duas línguas envolvidas no processo de transmissão e de recepção por partes dos sujeitos entrelaçados no processo.

Os Tilsp, ao produzirem ações de tradução e de interpretação para alguém, ou para algum grupo, passam a produzir contextos de discurso, ideologicamente situados. Ao pensarmos o processo tradutório-interpretativo, pode-se relacionar a perspectiva de produção linguística proposta por Rajagopalan (2003, p. 124), pois podemos entender que ao fazemos modificações na prática tradutória-interpretativa, fazemos com que o outro entenda, pelo menos traços de discursos produzidos por outrem; essa significação de tornar o discurso acessível a quem vê (ouve) envolve produção de identidades tanto do tradutor-intérprete, quanto dos receptores-interagentes no processo de construção de sentidos.

Nessa questão, o Tilsp, na prática, ouve em uma língua (ou vê em uma língua) e transpõe para a língua do outro, que é a língua de chegada, de uma forma rápida, tentando, a partir das possibilidades, produzir discursos da língua de partida e, assim, produzindo significações na língua de chegada; esse atravessamento de línguas não acontece de forma somente técnica, mas, também, em consonância com questões socioculturais, tendo em vista que os sujeitos produzem significados em espaços sociais, o que provocará a influência de um sujeito sobre o outro.

A apropriação da fala do locutor, do falante, como a maioria das vezes acontece na atuação é na forma direta. O Tilsp é levado a sentir o que o locutor sente no processo enunciativo – toma-se partido da forma em que o discurso está se desenvolvendo. A produção linguística se mostra como pertencente ao tradutor-intérprete, em que a transposição das línguas se dá no contato visual, sendo muito comum se ter um retorno visual da interpretação; assim, ao olharmos para o sujeito ou para o grupo da língua de chegada, observamos uma aceitação da fala (ou não), pois nesse momento é difícil desvincular o enunciador do tradutor-intérprete, ao usarmos a expressão facial para enfatizarmos alguma palavra ou sentença.

Nas línguas de sinais, usamos a expressões corporais no ato interpretativo semelhante à entonação, em que se sobressai, a nosso ver, os sentimentos. Durante o desenvolvimento do ato de tradução e de interpretação, caso o enunciador esteja falando de uma forma enfática, nossa interpretação será enfática na expressão facial, o que coloca as identidades à prova, tendo-se um certo diálogo com a enunciação dependendo da forma como essas identidades se colocam. Nesse momento, o receptor visualiza o Tilsp e é inevitável a avaliação sobre de quem é o discurso.

Retornando à perspectiva da relação entre legitimação da Libras e o desenvolvimento de visibilidades em torno da profissão de tradutor-intérprete, comentada

na introdução deste texto, a versão mais usada no início da institucionalização da Libras era a forma direta de tradução e de interpretação, do Português falado oralmente para a Libras o que pode ser relacionado ao que Hall (2006) discute em relação à língua:

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40).

Nesse sentido, para Hall, a produção de fala, que no presente texto também nos referimos à produção de sinalização em línguas de sinais, significa que os sujeitos, ao produzirem atos de fala e usar línguas, desenvolvem formas de enunciação, construindo-se formas de sentidos, o que no processo tradutório-interpretativo significaria o trabalho de relacionar discursos. Entendemos, de acordo com Hall, que ao se produzir ato enunciativo no trabalho tradutório-interpretativo, profissionais tradutores-intérpretes e demais interagentes conflitam e constroem identidades, pois a produção linguística é um propulsor de modelos identitários:

É precisamente que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e alternativas específicas. (HALL, 2006, p. 109).

A prática tradutória-interpretativa requer a imersão em diferentes culturas, o que no caso deste trabalho, seria o que vem sendo chamado na literatura específica de culturas surdas (STROBEL, 2006), considerando, que para alcançar habilidades linguísticas entre as duas línguas de modalidades distintas se faz necessário envolver-se com a estrutura sociocultural e identitária dos usuários da língua de sinais.

A construção discursiva do papel do Tilsps passa por uma construção de pertencimento entre as fronteiras de duas línguas. Os fatores linguísticos, usados na prática da interpretação, influenciam o modo como esse profissional se situa em dois ambientes diferentes, o da língua de sinais e o do português (SOUZA, 2017, p. 27). A língua como prática social está diretamente ligada ao discurso de legitimação da Libras, como os Tilsps se situam em um grupo específico que se apropria e se utiliza de uma língua espacial, gestual e visual em sua modalidade tradutório-interpretativa. O profissional tradutor-intérprete, nesse sentido, está em campos culturais de inter-relação e atravessamentos que podem estar relacionados ao que Bhabha chama de “entre-lugar”:

Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 20)

A partir da colocação de Bhabha, entendemos que a construção das identidades dos Tilspas perpassa vários lugares; as subjetividades desses profissionais abrangem vários construtos, que se inter-relacionam a várias situações, no sentido de o profissional estar em espaços em que estão presentes pessoas, no caso, surdas e ouvintes que têm traços socioculturais distintos.

Alguns aspectos metodológicos

A pesquisa realizada com Tilspas da Ufac que atuam no NAI foi desenvolvida por meio de entrevistas para se obter informações em relação à formação acadêmica e à trajetória profissional que esses sujeitos desenvolveram.

A metodologia aplicada na pesquisa é de natureza qualitativa, além de interpretação de entrevistas e análise de referencial bibliográfico, a princípio, o trajeto pelo qual os Tilspas do NAI/UFAC passaram e como se inseriram como agentes ativos no processo de tradução e de interpretação entre pessoas surdas e ouvintes.

O corpus da pesquisa foi desenvolvido por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas presencialmente com cada um dos Tilspas do NAI/UFAC que se dispuseram a colaborar com este trabalho, totalizando onze atores sociais entrevistados. A eles foi disponibilizado o documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE para lerem e, caso estivessem em acordo, assinassem anuindo-se a participar, formalmente, do trabalho de pesquisa se dispondo a responder às questões apresentadas por nós e, também, firmarem consentimento ao uso do material produzido para fins de análise científica. Após as explicações, todos aceitaram e se dispuseram a dialogar conosco. Com a finalidade de não identificar os participantes deste trabalho, fazemos menção a eles como Tilsp.

Nesse sentido, as entrevistas se constituíram como um espaço de conversas e, sobretudo, um espaço de inter-relação em que se compartilharam experiências dos Tilspas participantes deste trabalho. A utilização de entrevistas como instrumento de geração de dados inicial possibilitou a produção de informações concernentes às falas, às percepções dos participantes a respeito do trabalho realizado no meio acadêmico, além de suas

atribuições enquanto pessoas que utilizam duas línguas e permeiam as culturas das pessoas surdas.

A partir de entrevistas realizadas com os participantes, foi possível observar as formações iniciais e continuadas desses profissionais, item muito importante para o desenvolvimento da profissão, analisando o cargo profissional ocupado na instituição, classificado na Ufac como técnico administrativo em educação (TAE) com formação em Nível Médio. As conversas iniciais com os Tilsp se desenvolveram por meio da formação inicial desses profissionais, incluindo o que eles consideram como formação em andamento.

O que dizem os Tilsp sobre suas atuações?

Foi observada a inexistência de cursos de formação a nível de graduação para pessoas que queiram atuar com tradução e interpretação de línguas de sinais e português no estado do Acre. Questão a se destacar na formação dos Tilsp NAI/UFAC é a criação do curso de Letras/Libras licenciatura, no ano de 2014, com a implantação em formato presencial. O curso objetiva formar professores de Libras para atuação em escolas dos Ensinos Fundamental e Médio. Mesmo sendo a nível de licenciatura, quatro dos Tilsp entrevistados são formados nesse curso, além de outros dois estarem cursando-o no momento de realização da pesquisa-base deste trabalho. Os demais Tilsp do NAI têm formação em outras licenciaturas.

Destacamos a maneira como esse grupo de Tilsp se formou durante a trajetória da inserção da profissão na Ufac, tendo em vista a grande porcentagem de profissionais com formação em andamento ou concluída no curso da própria instituição. As escolhas por esses egressos do curso de Letras/Libras³ mostram que o ponto em comum entre o professor de Libras e o Tilsp é a língua, embora sejam profissões distintas, ambas se utilizam da Libras e português nas práticas interativas e de concretização das profissões.

Com a criação da graduação em Letras/Libras licenciatura na Ufac, evidenciou-se, pelo menos a nível teórico, a qualidade e os benefícios que o curso traria para formação de profissionais para atuar junto às comunidades surdas, tendo em vista que os egressos-professores do curso de Letras-Libras/UFAC licenciatura passaram a ocupar cargos que até então não existiam nas escolas de Ensino Básico da cidade de Rio Branco, além de o

³ Embora seja de licenciatura, o curso de Letras-Libras apresenta, em seu currículo, disciplinas optativas relacionadas à área de tradução-interpretação de português e de línguas de sinais.

ensino de língua de sinais passar a ser ministrado por profissionais qualificados, dando uma maior visibilidade à língua. Essa visibilidade vem motivando discussões importantes para a inserção da Libras como disciplina obrigatória nas escolas.

De acordo com os Tilspes do NAI/UFAC, as formações continuadas pelas quais passaram, tendo em vista que, à época, estavam atuando em escolas públicas da cidade de Rio Branco/AC, foram ofertadas pela Secretaria de Estado de Educação do Acre SEE/AC por meio do Centro de Atendimento ao Surdo(CAS), a nível de cursos que somavam horas que, na sua maioria, eram ofertados em semanas consecutivas das férias escolares coletivas. Como citado nas falas dos interagentes da pesquisa a seguir:

Cursos de tradutor e intérprete, de tradutor e intérprete avançado esses tipos. Quem ofertou foi Assembleia Legislativa curso avançado e o estado, foi pelo CAS. (Tilsp 1)

Se eu participei? Sim, eu participei em 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017 e 2018, pelo Estado, pelo CAS e aqui também na Ufac, é para os interpretes da educação né. (Tilsp 2)

Curso que eu tenho de formação na área de tradutor e intérprete de língua de sinais são cursos de extensão e também cursos de especialização, eu tenho os cursos que foram ministrados pelo CAS. (Tilsp 3)

Estas, as férias escolares, segundo os profissionais, era o momento em que todos os Tilspes se reuniam no Centro de Atendimento ao Surdo CAS/Acre em Rio Branco para realizarem os cursos. Os cursos eram planejados para atender às demandas que surgiram com o aumento de matrículas de alunos surdos na educação básica, especificamente no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Ao longo do tempo, por meio desses cursos que juntavam em um mesmo espaço profissionais com os mesmos objetivos, foi se formando um grupo de Tilspes com vista às práticas tradutório-interpretativas em sala de aula, momento que atendia à necessidade emergente de escolarização dos alunos surdos em uma perspectiva inclusiva.

Essa contextualização de como surgiu a presença do Tilsp em Rio Branco se faz necessária para explicar a condição existente hoje desse profissional e também para

reforçar a necessidade da formação inicial específica para a profissão. É um fato no mínimo curioso e preocupante que, em vinte anos de implantação da Lei da Libras, ainda não exista o curso de bacharelado em Letras/Libras nas instituições superiores públicas do Acre, o que impede, a princípio, uma compreensão teórica da profissão, sobretudo no tocante às abordagens linguísticas concernentes às práticas de tradução e de interpretação, além de questões de pesquisa que podem ser desenvolvidas nos espaços universitários referentes à profissão.

No fazer tradutório-interpretativo, a atuação se faz na prática diária em que surgem demandas desafiadoras em diferentes contextos linguísticos. No caso dos Tilsp NAI/Ufac, a atuação no ensino, na pesquisa e na extensão direciona-os para diferentes práticas tradutório-interpretativas, colocando-os em espaços como palestras, simpósios, reuniões, *lives* (que aumentaram consideravelmente devido à pandemia pela Covid-19), acompanhamento de alunos e de professores surdos em atividades de estágios supervisionados fora da instituição, além de participação em eventos com a presença de pessoas falantes de outras línguas, mais especificamente da língua espanhola, devido à presença de destaque do Acre na tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru, em que se desenvolvem tratados de pesquisa em que se exige do Tilsp conhecimento em mais línguas, além da Libras e do português.

Formação continuada dos Tilsp do NAI/UFAC-UFAC campus Rio Branco

As discussões relacionadas às formações continuadas dos Tilsp NAI/UFAC, por meio das entrevistas, como mencionado na subseção referente aos aspectos metodológicos deste trabalho, mostram que a maioria dos Tilsp obteve a sua formação básica como tradutor-intérprete de línguas de sinais no CAS/Acre, entidade responsável, desde de 2005 – ano em que foi criado – a oferecer capacitação continuada para os Tilsp que estivessem atuando na área educacional. O CAS foi pioneiro em oferecer capacitação continuada aos Tilsp que estavam em salas de aula em Rio Branco, além de desenvolver parcerias com entidades que se mostravam abertas a conviver com pessoas surdas, como a Igreja Batista do Bosque/IBB, uma instituição religiosa protestante que, por meio de um convênio com a SEE/AC, foi um dos espaços, juntamente com o CAS, a promover cursos de Libras que eram oferecidos a toda a comunidade rio-branquense que, além de atender às necessidades linguísticas dos membros dessa igreja que tinham contatos com surdos, professores e outros profissionais da educação também participaram dos cursos promovidos por essa denominação religiosa. Nesse sentido, em Rio Branco, a IBB é

Revista de Letras Norte@mentos

conhecida como um dos primeiros espaços sociais a dar abertura à participação de surdos, sobretudo na esfera linguística e, por isso, tornou-se uma força política na história da formação linguística das comunidades surdas de Rio Branco.

Do ponto de vista da organização dos Tilsp's nas escolas de Rio Branco, o CAS se efetivou como uma entidade importante, tendo em vista que tinha o controle das necessidades das escolas que precisavam de algum profissional tradutor-intérprete. Assim, o CAS era responsável por enviar o profissional às escolas e acompanhá-lo durante o trabalho a ser realizado. Essa atuação do CAS junto aos profissionais e, por conseguinte, junto às escolas, é uma ação muito importante, pois o Centro desenvolveu uma articulação com os Tilsp's, permitindo organizar planos de trabalho para formações periódicas, o que facilitava, ainda mais, a inserção dos profissionais nos espaços educacionais de Rio Branco, inclusive com práticas de reflexão sobre a profissão.

Ainda quando questionados sobre as capacitações continuadas, nota-se a importância dada pelos profissionais aos encontros periódicos com outros profissionais para a troca de experiências, tendo em vista que os Tilsp's atuam, por meio de seu trabalho de tradução-interpretação, em diversas áreas, em diversos contextos sociais acadêmicos. Assim, com uma grande demanda que esses profissionais têm ao longo do tempo na Ufac, eles sentem necessidade de trocar experiências, de trocar vivências para juntos construírem maneiras de sanar dificuldades desenvolvidas durante o processo de atuação na profissão. Como ressaltados nas falas que seguem:

Os cursos de formação continuada eles contribuem de forma a nos trazer reflexões sobre a nossa profissão e também nos proporcionam momentos em que nós podemos trocar experiências e falar como é nossa atuação no meio educacional ou em outras esferas, como nas esferas de congressos, seminários, palestras mais a nível acadêmico e também no âmbito educacional como salas de aulas nos níveis fundamental, médio e superior. (Tilsp 4)

Na área de formação, as formações trazem muitas informações e conteúdos novos, muitas vezes repetitivos, mas que contribuía muitas vezes no trabalho na sala de aula. (Tilsp 5)

É muito importante a troca de experiências também das diversas áreas que tem, por exemplo interprete que trabalha em determinado curso com outro, a troca de experiência sobre sinais, a aprendizagem de novos sinais novas técnicas de como interpretar tal assunto entre outros, coisas pra interpretar, é muito importante porque a gente se desenvolve mais e conhece novas coisas. (Tilsp 6)

As constantes trocas de conhecimentos que os Tilsp's ressaltam acima, mostram a importância das capacitações continuadas e como o uso das línguas, no caso o par linguístico Libras/Português, são colocados em prática nas diversas interações comunicativas.

Os papéis dos Tilsp's nos contextos acadêmicos

A pergunta feita a todos os interagentes foi pontual para se ter uma percepção/compreensão mais geral do que os sujeitos de pesquisa pensam sobre o papel principal que exercem, no sentido de que eles mesmos, em diferentes momentos, mostraram que a tradução e a interpretação se caracterizam por processos contínuos de estudos, de práticas e de reflexões. Os diversos papéis de atuação dos profissionais são apontados da seguinte maneira:

Traduzir e interpretar para o aluno surdo as informações bem claras, conhecendo a sua cultura, conhecendo a identidade do aluno surdo, passar essas informações para o aluno surdo, fazer com que essas informações cheguem para o aluno surdo de uma forma bem clara e objetiva dentro da língua de sinais. (Tilsp 7)

O papel do interprete é traduzir e interpretar de uma forma correta, com ética e fidelidade acima de tudo né, interpretar principalmente aquilo que estão falando com ética e fidelidade. (Tilsp 8)

O papel principal, o nosso papel principal enquanto profissional, enquanto tradutor e interprete de língua de sinais/Português é promover comunicação, fazer esse acesso de uma língua para outra, então a gente faz esse intermédio entre essas duas línguas, então assim eu tenho uma pessoa surda e uma pessoa ouvinte, as duas pessoas falam línguas diferentes e eu faço a mediação comunicacional entre essas duas pessoas, então o papel principal é esse mediar a comunicação, algumas pessoas falam de entre fazer a ponte entre essas duas línguas, trazer o conforto linguístico, ou fazer a acessibilidade.
(Tilsp 9)

Esses processos poderiam ser relacionados à seguinte metáfora: a profissão Tilsp poderia ser exemplificada como “um mergulho em águas profundas”, tendo em vista que o Tilsp precisa ir a fundo nos seus conhecimentos e voltar à superfície para respirar, fazendo esse movimento em diversas práticas tradutório-interpretativas, promovendo articulações e relações entre as informações recebidas da língua fonte que necessitam estar presentes nos contextos de transição para a língua alvo.

Os Tilsp mencionaram que o processo tradutório-interpretativo necessita ser de forma clara, o que fica entendido que a mensagem que irá chegar na língua alvo terá de ser modificada para se aproximar do sentido na língua fonte. Esse processo requer conhecimento linguístico e cultural. Nesse sentido, está evidente que as linguagens, no caso as línguas Libras e português em um processo de inter-relação, não são meramente sistemas estruturais isolados, tendo em vista que os sujeitos, que são os produtores de linguagem, promovem a formação de construtos linguísticos em contextos sociais de uso que se relaciona com diferentes produções culturais e ideológicas (VOLÓCHINOV, 2017); o que se constitui como as tomadas de decisões que o profissional precisa acionar quando se refere a conhecer as culturas das pessoas surdas nos contextos (socio)linguísticos específicos e ideologicamente constituídos. O processo de adaptação ao qual os Tilsp se referem prevê a possibilidade de se conhecer produções de usos linguísticos que somente o conhecimento das línguas envolvidas não possibilita a eficácia da produção tradutória-interpretativa.

Nesse sentido, os Tilsp refletiram sobre o trabalho no contexto de que suas práticas tradutória-interpretativas estão voltadas, para a inclusão de pessoas surdas em

contextos, cujo português é a língua mais falada. Entendo que essa reflexão está relacionada ao trabalho principal na Ufac, que é voltado a acompanhar estudantes surdos dessa instituição em que o trabalho era fazer com que esses estudantes compreendessem aulas e palestras ministradas em português.

É possível destacar o uso de termos/expressões que mostram como os Tilsp do NAI/UFAC se veem enquanto profissionais tradutores-intérpretes imersos em contextos de atuação de promoção de sociabilidades juntamente com pessoas surdas que, no caso, pela referência a contextos sociais acadêmicos, os sujeitos surdos com os quais os Tilsp têm contato são estudantes de diferentes cursos da Ufac. Dessa forma, o uso de termos/expressões como “acessibilidade”, “mediação”, “ponte”, “ética/responsabilidade”, “identidades”, “promover comunicação”, “dar direito comunicacional”, “comunicação”, “vínculo com os surdos” são indícios de que os Tilsp interagentes nos processos aos quais a pesquisa-base deste texto foi submetido se compreendem/se veem/se entendem como sujeitos profissionais imersos em contextos complexos de usos linguísticos com sujeitos que necessitam ser vistos como produtores de conhecimentos e de saberes, mas para que de fato essas construções de conhecimentos e de saberes se efetivem é necessário o desenvolvimento de diálogos com os atores da ação, que faz com que os Tilsp se compreendam como responsáveis por processos de inclusão.

Considerações

Nos diferentes meandros percorridos para realizar a pesquisa, foi possível encontrar realidades construídas por sujeitos imersos em contextos profissionais, mais precisamente na cidade de Rio Branco, capital desse estado.

O grupo pesquisado não tem uma formação superior em Tradução e Interpretação, tendo em vista que a criação dos cursos superiores nessa área voltados para o trabalho com línguas de sinais é mais nova do que a própria criação da profissão, principalmente se levar em consideração a prática, e se considerar a cidade de Rio Branco, fazia-se tradução e interpretação de línguas de sinais sem a estrutura acadêmica, ou seja, sem se saber que se tratava de uma prática construída por um Tilsp.

Nesse sentido, os conhecimentos teóricos obtidos sobre a profissão Tilsp foram em cursos promovidos, principalmente, pelo Centro de Atendimento ao Surdo/CAS/Acre, espaço fundamental de desenvolvimento de reflexão sobre práticas que envolvem professores de Libras e de português como L2, assim como, de práticas envolventes no

processo de traduzir e de interpretar. Por meio de reflexões sobre o fazer tradutório-interpretativo, em conjunto, e por meio da prática incessante recheada de percalços e, sobretudo, de incertezas, de incompletudes, de dúvidas, de atravessamentos etc., hoje está sendo possível analisar como os profissionais, de fato se veem, considerando, inclusive, os profissionais que estão entrando na profissão recentemente, tendo formações mais específicas na área dos estudos surdos que é o caso de Tilspes egressos do curso de licenciatura em Letras-Libras da Ufac. Como de fato esses profissionais, por serem sujeitos em constante formação, veem os seus papéis profissionais nos espaços sociais em que atuam? Para refletir sobre essa pergunta, traçamos reflexões – sabendo de início que não apresentamos respostas prontas, mas propostas de reflexão – no início deste texto que os retomamos aqui para, juntamente com os futuros leitores deste texto, pensarmos se conseguimos obter resultados, que informamos que não são conclusivos (não sei se um dia serão) que nos levem a ter um panorama, mesmo que a nível preliminar, das produções identitárias dos Tilspes que atuam no Núcleo de Atendimento à Inclusão/NAI da UFAC.

Em se tratando mais especificamente dos Tilspes NAI/UFAC, as observações feitas por eles nos diálogos traçados e também tendo em vista as vivências, apontam para uma realidade de trabalhos e de promoção de sociabilidades que precisam estar em constante reflexão. Nesse ínterim, a respeito da formação acadêmica do profissional Tilsp, no Acre, ao longo dos vinte anos em que foi sancionada a Lei de Libras, não houve a implantação institucional de uma graduação que atendesse às necessidades específicas teórico-metodológicas específicas para a tradução e para interpretação entre duas línguas, gerando um misto de atribuições não pontuadas com clareza a esse profissional.

No que se refere a questões identitárias, os sujeitos interagentes deste trabalho se veem como pessoas multifacetadas, que, para desenvolverem seus trabalhos, precisam estar em constante processo de formação agregado a diálogos com outros profissionais. Não foi identificada, qualquer fala referente a uma perspectiva homogênea de linguagem ou da prática tradutório-interpretativa. Pelo menos nas falas dos interagentes, o que se vê são preocupações com o fazer profissional entremeados de lacunas que precisam ser refletidas, sobretudo na importância que esses profissionais se dão como promovedores/agentes sociais de inclusão de pessoas surdas nos meios sociais em que os sujeitos surdos estão imersos. Assim, a constituição das várias identidades dos Tilspes foi desenvolvida ao longo de suas vivências, de suas relações entre os grupos que foram crescendo à medida que a Libras foi desenvolvendo visibilidade social e, assim, o profissional Tilsp começou a receber demandas de trabalho de diferentes esferas sociais,

sobretudo de espaços acadêmicos. Isso foi resultado das conquistas alcançadas pelas pessoas surdas em estar em diferentes ambientes sociais e especificamente no meio acadêmico.

Fazer um trabalho a nível linguístico-identitário como este com um grupo reduzido de Tilsp requer cautela quanto às afirmações apresentadas, por isso, é possível afirmar que as reflexões aqui apresentadas são parciais e carecem de uma maior inserção de participantes, sobretudo de outros ambientes profissionais, além do universitário, para se traçar possibilidades de perfis dos Tilsp na cidade de Rio Branco e, quem sabe, do estado do Acre. Contudo, o grupo mesmo sendo reduzido a pouco interagentes, foi perceptível a forma como foram influenciados pela história da profissão no estado e que agora, por meio de novas perspectivas, principalmente a partir da ideia de estarem em constante formação, adquirem reflexões por meio de diálogos entre si e, assim, representam um parcela dos profissionais Tilsp no Acre. Por meio dos diálogos que tecidos com os Tilsp NAI/UFAC foi possível compreender questões linguístico-identitárias envolvidas na profissão que nos possibilitam ter um olhar, mesmo que inconcluso – e insistimos que não sabemos se um dia haverá uma conclusão sobre os aspectos apontados neste texto –, das realidades profissionais de um Tilsp na cidade de Rio Branco.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

GESSER, Audrei. **Interpretar ensinando e ensinar interpretando: posições assumidas no ato interpretativo em contexto de inclusão para surdos**. Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, no especial 2, p. 534-556, jul-dez, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade**. Alfa, São Paulo, 44(n.esp): 123-130, 2000. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 71 e227165 2017 Andreia Chagas Rocha Toffolo, Elidéa Lúcia Almeida Bernardino, Douglas de Araújo Vilhena et al. Os benefícios da oralização e da leitura labial no desempenho de leitura de surdos profundos usuários da Libras

Revista de Letras Norte@mentos

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/pQsrq4swznPfhm9djvsPXkc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

RODRIGUES, Carlos. Henrique. **Translation and Signed Language: highlighting the visual-gestural modality**. Cadernos de Tradução, v. 38, p. 294-319, 2018a.

SOUZA, Luís Carlos da Silva. **A construção do ethos dos tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais e português: concepções sobre a profissão**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

STROBEL, Karen. **A visão histórica in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p. 245-254, jun. 2006.

Recebido em 16/08/2023

Aprovado em 25/08/2023